

O Pêndulo

O Pêndulo – Andreza Ferreira Silva

Biografia da autora: Andreza Ferreira é aluna de Letras Português-Inglês da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autora do blog Ela Está Lendo e escritora em tempo integral, porque histórias se formam em sua mente o tempo inteiro.

Resumo do texto: Durante dez anos de suas vidas, dois melhores amigos estiveram apaixonados um pelo outro, mas nunca ao mesmo tempo. A narradora, primeira a se apaixonar, conta ao leitor sua história quando percebe que, mais uma vez, é ela que ama sem ser correspondida.

Sem ele, o mundo é só o mundo. As árvores e as ruas envelhecem num segundo.

(Só pra mim - Les Misérables)

Há um relógio de pêndulo no sótão de uma casa velha. Tem quase a minha altura. Ele é o único habitante. Antigo, conserva muita poeira depositada nas engrenagens e curvas talhadas em mogno. Contudo o relógio funciona satisfatoriamente. Não atrasa, não adianta. Seu pêndulo mantém o compasso. Oscila regularmente.

Não seja tolo, não descrevo a você um relógio mágico que funciona sozinho. Há quem o visite para dar corda. Duas pessoas. Uma delas, eu tiro a máscara aqui e me exponho, sou eu. A outra foi quem deu a primeira corda.

De um pêndulo adequado a medir o tempo se espera que oscile sessenta vezes em um minuto. Três mil e seiscentas em uma hora. Oitenta e seis mil e quatrocentas em um dia. Trinta e um milhões e quinhentos e trinta e seis mil por ano. Faça você as contas se quiser saber quantas vezes esse pêndulo se moveu em dez. Eu, agora, preciso dar corda para que ele continue a tiquetaquear. Já faz algum tempo que a outra pessoa não surge por aqui.

Dessa vez eu me demorei um pouco mais dando corda. Você não viu errado. Quero me sentar aqui e ver a grande bola dourada ir de um lado a outro. Assisti-la sendo recusada sem muita cortesia por mãos invisíveis de cada lado. “Pode ficar”, alguém parece dizer. “Jogue fora se quiser”, diz outra voz. “Dê a quem precise”. Sabe, penso eu, já está quase escuro e não sei se ele vem. A verdade é que não sei se ele sabe que o pêndulo ainda se move. Tenho vergonha de perguntar. Alguém pode ouvir se eu falar alto demais.

Ele não sabia que dava corda quando o fez pela primeira vez. Foi inadvertido. Como abrir uma porta e esbarrar em alguém que estava parado logo atrás, no mês de fevereiro, num primeiro dia de aula; e fazer uma menina olhar na sua direção.

Perdoe-me pelo barulho, eu não intentava rir agora. O silêncio do sótão é mesmo muito delicado para ser interrompido desse modo. É que não sei como um menino tão mirrado fez o pêndulo começar a se mover. Eu nem mesmo sei se ele penteou os cabelos naquele dia, ou se somente enterrou o boné sobre os cachos antes de sair de casa. Mas, foi naquela manhã de segunda-feira, dez anos atrás, que esse pêndulo diante de mim se moveu pela primeira vez.

E você sabia que Galileu usava sua pulsação cardíaca como cronômetro enquanto estudava o pêndulo? Ele me perguntaria como, “diabos”, eu sei disso. “Garota esquisita”, me diria. Mas ele, o primeiro amigo que tive na vida, não era menos esquisito que eu. Você acha que Galileu acreditava que o coração dele influenciava o movimento do pêndulo? Faria todo o sentido para mim agora.

Não vou culpá-lo por colocar o pêndulo em movimento porque, quando eu o fiz pela primeira vez, eu também não sabia que o fazia. Quando ele voltar aqui, se voltar, pergunte a ele como foi que aconteceu. Será que a percepção dele foi sutil como o abrir de uma porta? Eu não saberia dizer. Eu só posso contar a você como foi que eu percebi que o pêndulo existia e se movia.

A chuva tinha encharcado suas roupas, e ele estava abrigado sob a árvore na calçada da minha antiga casa. Tinha o violão nas costas e me esperava chegar da escola. Ele sorriu quando eu cheguei. Fazia meses que não nos víamos. E eu não vou me esquecer desse dia enquanto eu viver, porque essa memória é algo que eu tenho, e ela, não.

Há quase três anos foi que surgiu na vida dele, esse é o tempo que faz desde a última vez que ele veio aqui. Ela não sabe sobre o pêndulo. Sim, eu sei que ele passava mais tempo sentado sobre o chão empoeirado do sótão do que eu tenho passado. Você não precisa me lembrar. Também sei que para ele foi pior do que tem sido para mim. Se eu olhar para o lado, quase o enxergo aqui. Diante do relógio, a cabeça baixa, e se recordando da mágoa mais recente que lhe causei. Do dia em que ficou preso no trânsito, e eu não o esperei chegar. De quando não fui à sua formatura. Do beijo que eu recusei. Perguntando-se, como eu me pergunto agora, se algum dia nós dois nos sentaríamos lado a lado nesse cômodo para observar o nosso pêndulo. Eu me valia da certeza de que ele estaria aqui para dar corda no relógio quando chegasse a hora. Quando eu o amasse de volta novamente. Ela chegou, e, agora, não há ninguém aqui além de mim.

O abandono teria feito o pêndulo nunca mais oscilar. E o relógio não mostraria mais as horas ou os minutos corretos. Porque o pêndulo não marcaria os segundos corretamente. E as batidas dos corações não bateriam mais sem reciprocidade porque não haveria mais batidas. E nem uma chance para a reciprocidade. Mas eu retornei à casa abandonada e ao sótão mal iluminado e não deixei o pêndulo parar. A culpa, então, é toda minha por ele ainda se mover.

E agora, os meus olhos se erguem para os ponteiros do relógio e o traçar do círculo canta para mim a canção do último filme que vimos juntos. A escuridão ao meu redor, porém não é mais a da sala de cinema. Tão miserável quanto as pessoas daquele musical, eu sei que, ao meu redor, o mundo está girando. O pêndulo continua oscilando. E que eu, eu giro em volta dele nesse amor que não tem fim.

